

A MODA COMO AGENTE MODIFICADOR DO CORPO E ESPAÇO CULTURAL

Fashion as an Agent Shifter of the Body and Cultural Space

Tavares, Rafael; Graduando; Universidade Federal de Pernambuco,
rafael_mmt@outlook.com¹

Resumo

Este presente artigo científico tem como objetivo jogar uma luz sobre a relação da indumentária através da história e sua relação não somente com o corpo, mas também com o espaço cultural em que está inserido. Nos exemplos tratados mostra-se o uso da arquitetura para se adaptar à vestimenta ou vice-versa; A roupa como instrumento político para defesa territorial; A emancipação feminina ao longo do tempo, com seu rompimento de valores na virada do século XIX para o XX e como a indumentária é afetada de forma a proporcionar uma liberação sobre o próprio corpo e sobre o espaço.

Palavras-chave: Moda. Espaço Cultural. Corpo. Indumentária.

Abstract

This scientific paper has a purpose of making a connection between the habit of using clothes through history and its relation with not only with the body as its holder, but also with the cultural space in which is inserted. The examples here portrayed shows how architecture adapts to the clothes or vice-versa; Clothes as a political instrument for territorial defense; Women's emancipation through time, as seen in the rupture of traditional values during the change from the 19th to 20th century and how clothes are affected in a way to let freedom of the body and of the space.

Keywords: Fashion. Cultural Space. Body. Clothes.

1 Aluno graduando do curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco, formação prevista para 2019.1

Introdução

É elementar a relação da moda e sua ação no corpo humano pois a primeira reveste o segundo, além de ultrapassar as barreiras da sobrevivência e servir como um instrumento de comunicação e afirmação na estrutura social. Entretanto, poucos observam que toda vestimenta que está sobre um corpo também está inserido em um espaço e portanto modifica-o segundo às imposições culturais de cada sociedade em seu devido tempo. Este texto tem como objetivo desmistificar a ideia de que a roupa tem apelo estritamente estético e mostrar as relações entre o modus, a vestimenta e o espaço de alguns casos interessantes.

Para melhor clarificação do presente artigo de Iniciação Científica, o texto está estruturado em uma linha temporal com vários recortes históricos desde a Idade Média no oriente a partir do século IX e caminha culminando na virada do século XIX ao XX no ocidente, principalmente Europa e Estados Unidos até a Primeira Grande Guerra.

Como referência foram tomados os livros Tudo sobre Moda (FOGG) e Cultura um Conceito Antropológico (LARAIA), por serem livros bastante didáticos em suas respectivas áreas e permitem o acesso a uma visão geral sobre o assunto.

A indumentária da elite japonesa feminina do período *Heian* (794 até final do século XII) é bastante peculiar. Primeiramente porque as roupas sofreram uma mutação da vestimenta inspirada na cultura chinesa do período *Tang*, quando essas duas nações faziam comércio entre si, mas que cortaram relações por um longo período a partir do final do século IX. Quando um estilo propriamente japonês surgiu, observa-se segundo relatos literários que as mulheres da nobreza vestiam várias túnicas em camadas que diminuía de tamanho e mudavam de cor dependendo da ordem que era vestido, chamava-se *irome no kasane*. Elas também se maquiavam com o pó de arroz branco sobre todo o rosto e enegreciam seus dentes, para evitar o contraste do amarelo da dentição e a maquiagem. Usavam o batom de forma que diminuísse o tamanho de seus lábios. Aqui já vemos o postulado de Seeger (1980) em ação: A mulher era submissa e escondida na sociedade, logo “não tinha voz” e este hábito demonstra que os lábios são um órgão menos importante nessa sociedade. O espaço promovia essa invisibilidade da mulher, pois elas viviam em lugares fechados e escuros, rodeadas por biombos, portas de correr e telas que as separavam do resto do mundo. Desta maneira elas se comunicavam com o externo de formas interessantes. Por exemplo, na esperança de serem cortejadas, a nobre deixava que sua vestimenta falasse por si, e colocava o tecido em abundância para fora do seu espaço, pelas frestas das portas e para fora no terraço. A fim de chamarem atenção, as partes mais elaboradas do *irome no kasane* se concentravam nessas regiões que eram expostas. O lugar em que habitavam também sofreu uma resignificação por causa da vestimenta. Eram casas construídas em uma certa altura para promover a ventilação, entretanto como isso fazia com que pretendentes vissem apenas as túnicas no nível dos olhos, essas ganhavam ainda mais importância.

Um acessório que modificou profundamente a resignificação do espaço foi a máscara usadas por mulheres a partir do século XVI na Europa. A princípio utilizadas apenas pelas cortesãs, a máscara chega à nobreza e sua utilidade prática se une à utilidade cultural. A máscara servia como uma proteção contra as intempéries durante as cavalgadas, mas a partir do século XVII ela serve como um instrumento de liberação feminina. Libertador, pois, ao usarem as máscaras, as mulheres ganham acesso a espaços considerados inapropriados, como a adoção do costume de ir ao teatro. Devido ao anonimato, elas estavam protegidas da coerção da sociedade. Ainda sobre o ganho do

uso do espaço pela mulher, surge o desnudamento em espaços públicos no século XVII na Inglaterra, por algumas casas nobres da época. A roupa era basicamente uma camisola e uma *chemise* branca de linho por baixo. Essa vestimenta extremamente causal mostrava bastante a pele da pessoa, o que conferia o aspecto erótico do ato, contrastante aos bons costumes, que sempre foi a mulher sempre reclusa e totalmente vestida.

A moda, além de poder promover o ganho do uso do espaço cultural, pode servir como arma política para evitar a perda desse mesmo espaço. No século XVIII, devido a complicações políticas, a Escócia tenta se proteger dos ataques hegemônicos da Inglaterra através da cultura e da moda. Uma lei do desnudamento foi instaurada a fim de que os escoceses e simpatizantes parassem de usar o tartã – tecido xadrez de diversas cores bem característico da região – em suas roupas. Os rebeldes escoceses então usavam o tecido de forma a reafirmar sua legitimidade da posse do território das *Highlands* e evitar a perda cultural promovida por ideias modernas da época.

No fim do século XIX e começo do século XX, a moda como instrumento cultural da estética do corpo e uso do espaço sofre diversas reviravoltas. Primeiramente com o feminismo tomando forma graças ao movimento sufragista. Durante todo o século XIX, vê-se o uso extensivo da crinolina, uma armação que podia ser constituída de diversos materiais com o objetivo de promover a armação do vestido da mulher. Esse acessório era extremamente pesado e limitava enormemente a locomoção da mulher. Vemos novamente aqui a submissão feminina sendo posta em prática, a mulher menos como um corpo e mais como um ornamento para a casa do homem burguês. Essas saias eram tão grandes e largas que a arquitetura de vários lugares tiveram que alterar o tamanho das portas a fim de permitir a passagem das moças na transição de ambientes. Com o surgimento da ideia da emancipação da mulher e sua independência, esse tipo de vestimenta era um retrocesso, visto que era preciso o uso de roupas leves, confortáveis e acessíveis para permitir uma circulação mais eficiente da figura feminina no espaço.

Além da crítica à crinolina, vem o desprezo pelo espartilho. Indumentária feminina que chegou ao seu exagero no século retrasado por serem extremamente desconfortáveis, já que a mulher deveria ficar fragilizada e arfando, seguindo o ideal romântico pregado na época. Os espartilhos podiam quebrar costelas do usuário e com isso provocar a perfuração de órgãos vitais.

Após a Primeira Guerra Mundial, a mulher se vê com uma necessidade ainda maior de conquistar seu espaço no mercado de trabalho, pois tinha que sustentar a casa e cuidar dos filhos já que o homem, o provedor, foi à guerra e nela ou morreu ou ficou incapacitado. Devido às recessões econômicas e encarecimento de tecidos, as pessoas são forçadas a usar menos materiais para se vestir, o que provoca o surgimento da minissaia. A moda muda radicalmente então para atender a essas exigências, e promover o uso do espaço cultural pela mulher. Aqui também surge o embaçamento das fronteiras entre a indumentária masculina e feminina, pois é observável que quem estava cada vez mais assumindo o papel tradicionalmente masculino era a mulher. Chanel incorpora bem esse espírito ao adotar calças, usar casacos masculinos customizados para seu porte, dentre outras coisas.

Todos esses exemplos demonstram como a moda é extremamente poderosa para canalizar uma perspectiva cultural, tanto do corpo como do espaço. Como a indumentária masculina sempre foi beneficiada de modo a promover sua liberdade de locomoção e poder no espaço, ela sofre poucas alterações durante a história, chegando a estacionar com o surgimento da alfaiataria inglesa que até os dias de hoje serve de referência. A mulher, por outro lado, sempre sofreu pressão da sociedade patriarcal e suas roupas refletiam esse aprisionamento. O ganho ou perda do acesso ao próprio corpo ou espaço físico variou bastante durante a história e é importante o estudo de sua liberação a partir do século XX. A roupa sempre delimitou, e ainda delimita, o acesso ao próprio corpo e ao espaço, é possível observar isso refletido nos tabus sexuais, com “as vergonhas” sempre escondidas; A delimitação de papéis sociais como “usar saia é coisa de mulher”; A associação da ética e estética, ou seja, quem se veste bem, provavelmente é uma boa pessoa (segundo a lógica aristotélica);

Pessoalmente, é fácil ver através dos anúncios e propagandas uma certa futilidade na moda, entretanto ao estudar o tema um pouco mais a fundo, percebe-se como todo o aspecto cultural humano pode ser influenciado por ela. É interessante notar como a percepção sobre as próprias ações se aguça e é bom refletir sobre alguns costumes errados que podem ser corrigidos.

Referências Bibliográficas:

FOGG, M. (Org.). **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro, Sextante, 2013, 576 p.

A PLURALIDADE cultural e a percepção da alteridade. RedeFor. p. 21 a p. 30.

LARAIA, R. B. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.

BENTES, F. **Amazônia Paraense (Marabá-PA)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vCo4fzgwouQ>> Acessado em: 10/04/16 às 14:30

WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. *Ensaio*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensaio>> Acessado em: 10/04/16 às 14:00